

**14 de novembro de 2001**

Continuação da leitura do livro *Lacan in contexts*, de David Macey, capítulos dois e três: "Retrospective" e "Baltimore in the Early Morning".

A exposição inicia-se destacando que o eixo condutor do segundo capítulo é o desenvolvimento da idéia de que a história da psicanálise na França sofre de "amnésia". Segundo Macey isto se deve à resistência francesa ao pensamento de Freud - atribuída ao sentimento antigermânico francês e à dificuldade de acesso aos textos freudianos. Isso justificaria a devoção de Lacan à letra freudiana e a idéia de atribuir a Freud o que é de Freud.

Ressalta-se a má qualidade da edição alemã da obra freudiana, observando que a Standard Edition era a edição-padrão adotada para leitura de Freud na Alemanha, sendo esta uma das razões que levou o editor Jayme Salomão a escolhê-la para edição brasileira de Freud.

Prosseguindo, vem a baila a crítica a Lacan empreendida por Pichon, que demonstrava estranheza pela ausência, no texto lacaniano, de termos da tradição psicanalítica francesa.

Pondera-se que é possível que o próprio Freud tivesse reservas quanto ao uso de termos que denotassem adesão à psiquiatria. De seu ponto de vista, a tensão entre psiquiatria e psicanálise não seria um fenômeno tipicamente francês, mas estaria presente também nos Estados Unidos. Na França, uma questão muito mais premente era a da psicanálise leiga, cuja aprovação por Freud dever-se-ia principalmente a sua filha Anna Freud. Na seqüência, avançou-se a hipótese de que o declínio da psicanálise nos Estados Unidos estaria relacionado à ascensão da análise leiga – para o que teria contribuído o êxodo de um grande número de analistas europeus no período pós-guerra. Na França, teria ocorrido o oposto; Freud, ao lado de Lévi-Strauss e Marx, seria considerado um *maître à penser*.

Observa-se que, segundo Macey, o impacto produzido pelo lançamento da tese de doutoramento de Lacan recaiu sobretudo na literatura (mais exatamente na corrente surrealista). A entrada do pensamento freudiano na França se dá sobretudo por meio dos ciclos literários. Os primeiros sinais de reconhecimento a Lacan por parte da *Société Psychanalytique de Paris* nascem com o ensaio "La Famille". Junto à tese do estágio do espelho, o que chama a atenção nestes textos lacanianos iniciais são as referências à antropologia e à psicanálise, conduzindo a uma teoria cultural da família e a ausência notável à lingüística.

O primeiro autor da época a articular os conceitos de *inconsciente e linguagem* teria sido Pichon. Embora tal aproximação já se afaste da abordagem tradicional da lingüística, ela não se faz na mesma direção de Lacan. Ressaltam-se outras contribuições de Pichon à psicanálise, entre as quais se inclui uma leitura cuidadosa do texto *La Famille*. No artigo 'La famille devant M. Lacan', Pichon critica Lacan por seu "jargão sectário" e seu "preciosismo". A questão da ausência do uso de termos da psicanálise francesa é denunciada como uma espécie de traição de Lacan à sua herança.

Os termos *escotomização e forclusão* (introduzido por Pichon), utilizados por Lacan, são examinados detalhadamente para confirmar a tese acima. Para Macey, estes episódios constituem mais um argumento na direção de sua tese da "amnésia" dominante nas discussões sobre Lacan, produzindo uma certa "descontextualização" da obra lacaniana.

Em seguida, comenta-se a influência de Pichon e de Laforgue sobre Lacan. Tal aproximação da psicanálise e da psiquiatria seria mais um dos recursos de que se serve Macey para contextualizar Lacan. De fato, as evidências de uma psicanálise à francesa seriam muitas: entre outras, são citadas a *présentation de malades* e a tradução da expressão "compulsão à repetição" pela expressão psiquiátrica "automatismo de

repetição". As teorias lacanianas da psicose e da paranóia estariam apoiadas na psiquiatria e na psicanálise francesas. As novidades introduzidas por Lacan seriam: o conceito de que os delírios de interpretação constituiriam a própria formação patológica e a concepção da patologia a partir de uma estrutura fundamental de natureza linguística.

Concluindo a exposição do capítulo dois, observa-se, com Macey, que esta "amnésia" teria sido produzida pelo próprio Lacan e seus seguidores.

Lacan realizaria o ideal de uma psicanálise francesa, sem deixar de ser devedor da psiquiatria desse país.

Inicia-se, então, a exposição do capítulo três ressaltando a aproximação de Lacan do movimento surrealista, observando que no final do capítulo Macey conclui que o surrealismo não foi propriamente uma influência sofrida por Lacan. Lacan poderia ser considerado mais exatamente como uma figura do movimento surrealista. De fato, alguns textos iniciais de Lacan foram publicados em revistas surrealistas, como, por exemplo, o caso das Irmãs Papin.

Por propor uma nova noção de linguagem, o surrealismo torna-se interessante para Lacan, que o define em 1956 como um movimento de manipulação de signos e símbolos de uma maneira curiosa. No entanto, Macey observa que, embora haja referências ao surrealismo, não está presente nos textos lacanianos um conceito desta corrente literária. Por outro lado, a poesia surrealista prefiguraria o estruturalismo, pelo uso adotado da linguagem: o significado seria produzido através da associação de imagens e do choque dessas associações.

Observa-se que Lacan teria realizado "a psicanálise dos surrealistas". Trata-se da idéia de que um sentido inesperado pode se produzir em função da combinação dos símbolos: o sentido convencional é sepultado e um outro é produzido. Além disso, a psicanálise de Lacan daria direitos de cidadania ao irracional. No entanto, Lacan rejeita do surrealismo a noção de automatismo, por privilegiar uma expressividade ingênua.

Prosseguindo, ressalta-se o papel do Partido Comunista Francês na produção da "amnésia" que teria atingido a obra de Lacan, devido à leitura demasiadamente ortodoxa do contexto. A psicanálise seria lida numa perspectiva burguesa: as tentativas de produzir um marxismo freudiano são vistas como idealistas pelos comunistas, Bataille e os surrealistas são taxados de "homens particularmente obcecados por questões sexuais".

Assim, Macey tenta contextualizar o currículo de Lacan, que figura no fim do livro ora examinado. Conclui, com Macey, que é insustentável a leitura de Lacan como estruturalista, sendo o texto em estudo a "anti-Obra Clara".

Finalizando, observa-se que Macey fornece inúmeras referências que permitiriam contextualizar Lacan:

- do surrealismo: a criação de novas palavras.
- da arte: um olhar que não é único, ou é convocado por outras circunstâncias.
  - a noção de sujeito.

## **07 de março de 2002**

Continuação da leitura do livro *Lacan in Contexts*, de David Macey.

Coube à doutoranda Alessandra Caneppele a apresentação do capítulo quatro do livro *Philosophy and post-philosophy*.

A expositora pensa que Macey repete, na sua argumentação, a crítica que ele faz a Lacan, ou seja, Macey também faria citações e alusões a autores e ao próprio Lacan "fora de contexto". O excesso de citações e a forma de argumentação que Macey utiliza comprometeriam a demonstração de suas teses principais e não contribuiriam para a compreensão dos textos de Lacan.

Além disso, foi feita uma crítica ao vocabulário de Macey para contextualizar os autores que Lacan utiliza. Trata-se de uma descrição em termos de "aliados", de posições "contra" ou de quem está sendo "usado". Este vocabulário seria adequado somente algumas vezes às finalidades do autor.

Seguem algumas críticas feitas à argumentação de Macey:

- este faria uma certa confusão entre o termo "Weltanschauung" de Freud e o termo "especulação". Ao enunciar que Freud estabelece uma equivalência entre "concepção totalitária do universo", "filosofia" e "especulação", Macey procura mostrar que Freud teria reservas em relação à filosofia, pensada em oposição ao progresso do conhecimento empírico. Lembrou-se que é preciso estabelecer uma diferença entre "especulação filosófica" (na qual Freud não estaria incluído) e "especulação científica" (que poderia ser pensada em relação a Freud).
- Quanto à argumentação sobre o uso de La Rochefoucauld por Lacan, seria preciso verificar se se trata mesmo de um "uso contraditório", tal como afirma Macey.
- Lacan diz fazer um uso "ilustrativo" da filosofia. Macey argumenta que não se trata disso, pois o que Lacan faz é "uma espécie de filosofia". No entanto, seria mais exato dizer que Macey a considera uma "filosofia ruim", ou seja, para Macey, Lacan não seria um filósofo.
- A discussão de Macey sobre os "quatro discursos" seria pouca rigorosa.
- Dar conta da complexidade da relação de Lacan com a filosofia num capítulo é problemático. Parece difícil acompanhar e avaliar a argumentação de Macey, justamente pelo excesso de citações e pela forma abrupta de sua apresentação. Finalmente, a conclusão de Macey da existência de uma identificação de Lacan com Spinoza é feita muito rapidamente. Em que sentido Lacan poderia ser considerado um metafísico? Foi sugerido que isto ocorreria na medida em que Lacan confunde "questões conceituais" com "questões de fato".

No entanto, alguns participantes da reunião comentam que a discussão de Macey neste capítulo pode parecer de fato superficial já que, aparentemente, a pretensão não era fazer uma discussão aprofundada do uso de cada noção ou autor utilizado por Lacan. Este problema surge quando se examina um autor que não é filósofo (no caso, Lacan), mas que recorre à filosofia. Por exemplo, uma discussão que ilumina o contexto das citações de Lacan aparece na edição americana do *Discurso de Roma*. Fazê-la em relação às citações filosóficas de Lacan requereria um trabalho semelhante. Outra opinião [e a de que talvez este capítulo tenha também uma função "pedagógica", na medida em que na Inglaterra (lugar de publicação do livro) Lacan foi imediatamente assimilado como um autor estruturalista, de modo que o texto teria a função de mostrar as diferentes – e contraditórias – filiações filosóficas de Lacan. Lacan usaria simultaneamente autores, noções e correntes filosóficas totalmente díspares. Ele teria produzido uma obra em que autores que dão ênfase à história (Hegel), à biologia e ao desenvolvimento (Wallon) convivem, por exemplo, com Lévi-Strauss (que justamente critica o valor dado à história e ao desenvolvimento).

Embora fossem discutidos os problemas da argumentação de Macey, não foi dada muita ênfase à relação de Freud e de Lacan com a filosofia. Neste ponto, seria importante considerar o problema do uso diferenciado da filosofia por Freud e por Lacan. Freud estaria numa herança positivista, enquanto Lacan usa autores que se opõem à filosofia da ciência (por exemplo, Hegel e Heidegger). No entanto, pode-se dizer que tanto Freud como Lacan não quiseram construir sistemas totalitários, mas acabaram fazendo teorias totalizantes.

Considerou-se que há três usos possíveis da filosofia dentro da psicanálise: a filosofia como instrumento de elucidação dos movimentos conceituais da psicanálise; a filosofia usada como "enfeite", isto é, sem que isto altere as teses principais da psicanálise; e a filosofia trazendo prestígio para a psicanálise, a fim de legitimá-la. Lacan parece fazer este último uso da filosofia. Uma das razões seria o fato de que Lacan pretendia elaborar um novo aparelho conceitual para a psicanálise, pois o vocabulário de Freud lhe parecia muito simples e levava a muitos mal-entendidos. No entanto, foi salientada a excessiva rapidez com a qual Lacan tomava os autores a sua disposição para fazê-lo. Tratar-se-ia de um certo mau-caratismo intelectual? Foi sugerido que esta é uma das mensagens implícitas do capítulo de Macey.

Foram mencionados três livros que têm por temática o uso da filosofia por Lacan: *La pensée 68*, de Alain Renaut e Luc Ferry; *Impostures intellectuelles*, de Alan Sokal e Jean Bricmont; *Le même et l'autre*, de Vincent Descombes. Este último parece ter bastante semelhança com o capítulo aqui discutido.

Encerrada a exposição, decidiu-se para o próximo encontro pela apresentação do primeiro capítulo do livro de Alexandre Kojève: *Introduction à la lecture de Hegel*.